

ARTIGOS

CONGRESSO MÉDICO E EDUCAÇÃO: MUDANÇA URGENTE

LEANDRO ZIMERMAN

Médico, professor e presidente do Congresso Brasileiro de Cardiologia
lizimerman@gmail.com



O mundo está mudando. O ensino tradicional não atrai os jovens, que buscam dinamismo e interação. Nesse contexto, é essencial que os congressos médicos mudem junto.

Criados para difundir as novidades acumuladas ao longo do ano, em palestras com slides padronizados, estão sofrendo uma marcada redução de participantes nos últimos anos. O modelo de aulas magnas já não atrai. E não é mais necessário viajar para se obter novos conhecimentos; isso está disponível na rede, na palma de mão a qualquer momento, em qualquer lugar.

Isso significa que os congressos irão acabar? Absolutamente não. Significa, sim, que devem se reinventar. O aluno não é mais somente ouvinte, e a interatividade deve ser regra. A experiência dos especialistas deve ser valorizada, pois é material origi-

nal que não se encontra escrito. Networking é essencial. Precisa-se criar experiências, pois o aprendizado está intimamente ligado às emoções, o que deve ser ressaltado neste momento de tanta discussão sobre o papel do médico no mundo de inteligência artificial e machine learning.

É preciso criar experiências, pois o aprendizado está intimamente ligado às emoções

Está se iniciando amanhã o Congresso Brasileiro de Cardiologia em Porto Alegre, e, com isso tudo em mente, fizemos questão de inovar. Cardiologia é uma vida, mas a vida não é só cardiologia. Discutiremos co-

municação, empreendedorismo, alimentação saudável, finanças, redes sociais, o poder do perdão, e um grande desafio atual: estresse e burn out.

Vamos aumentar a interação entre os participantes, e entre esses e os palestrantes, grandes nomes nacionais e internacionais. Profissionais aliados terão um espaço dedicado, pois trabalho em equipe traz visões diferentes e melhora resultados. Queremos ver todos cheios de novos conhecimentos, mas também cheios de dúvidas e ideias. Que no futuro esse congresso seja lembrado como uma nova forma de se fazerem reuniões médicas.

E, para quem acha que não tem nada a ver com isso, sugiro que releia o texto trocando o “congresso médico” por “educação”. O mundo está mudando, e a educação precisa se adaptar!

IDENTIDADE GAÚCHA (O GAUCHISMO)

MAGNUS WICHMANN

Músico, neto de Teixeira
magnuswichmann.t@gmail.com



Existe um sentimento dentro de nós, gaúchos, que é difícil descrever, simplesmente o sentimos, e funciona como uma espécie de alavanca de emoção, a grande causa desse rico e incondicional sentimento eu denomino de “gauchismo”. E a definição desta palavra não se limita apenas a costumes e hábitos dos gaúchos ou construção própria da nossa fala, ela se caracteriza como uma filosofia de vida, a qual não percebemos que exercemos.

O gauchismo é o orgulho de ser e mostrar para todos que somos gaúchos, citando um bom exemplo... Quando há um gaúcho ou uma gaúcha competindo em um grande evento esportivo, cantando em um programa de TV ou em algum festival de música, lá estamos torcendo por eles! E quando vencem? Parece que a conquista é de um parente próximo. Dependendo da situação, até

para o time rival nós torcemos. É contagiante! Quem disse que para cultuar nossa tradição precisa ser gaúcho? Muitas pessoas de outras bandas que passam algum tempo ou se mudam para cá aderem ao gauchismo, ou seja, elas não são gaúchas de nascença mas “estão” gaúchas, e são sempre muito bem-vindas.

Tu não precisas comer churrasco, tomar chimarrão e andar a cavalo para teres orgulho da terra onde nasceste

Além de tudo, o gauchismo se encontra em nossa música também, com excelentes músicos e intérpretes nos mais diversos gêneros musicais.

E assim disse o poeta Vitor

Mateus Teixeira: “Deus é gaúcho de espora e mango, foi maragato ou foi chimango, querência amada, meu céu de anil, este Rio Grande gigante, mais uma estrela brilhante na bandeira do Brasil”. Com certeza ele já sabia bem o que era o gauchismo!

Estamos em plena comemoração do 20 de Setembro, alguns por aí dizem que festejamos a derrota de uma guerra. Na verdade, nós comemoramos o gauchismo e os valores farru-pilhas de liberdade, igualdade e humanidade. É um festejo da nossa tradição.

E por falar nisso, o gauchismo vai além da tradição. Tu não precisas comer churrasco, tomar chimarrão e andar a cavalo para teres orgulho da terra onde nasceste. Cada um exerce seu gauchismo da sua forma, e o que importa é sermos felizes e convivermos bem com nossos costumes e nossa rica cultura.

EM DIA

DE OLHO NO VIZINHO

PEDRO DUTRA FONSECA

Professor titular do Departamento de Economia e Relações Internacionais da UFRGS
pedro.fonseca@ufrgs.br



O ministro Paulo Guedes padece do mal de empolgar-se ao discursar e acaba falando além do compatível com o cargo. Foi o caso inusitado da exoneração do secretário da Receita por defender a CPMF, o que Guedes tem feito sistematicamente. E também os comentários sobre a primeira-dama da França, cujo mau gosto ficaria por aí não fossem as consequências para o país. E ao se perguntar, com ironia e menosprezo, desde quando o Brasil precisa da Argentina para crescer.

Resposta: desde sempre. É nosso país fronteiriço mais importante, caro à geopolítica brasileira, desde Rio Branco, Osvaldo Aranha e Golbery. Mas não é só passado. Estudos recentes referendam que a globalização e a revolução das tecnologias de comunicação, a despeito de encurtarem distâncias, reforçaram a tendência de integrar o comércio e as cadeias globais de valor com os vizinhos. O mundo globalizado, paradoxalmente, é também regionalizado. Formam-se “clusters” em volta de países que alavancam parceiros. A China aprofundou sua relação e paparica países como Vietnã, Coreia(s), Indonésia e até com o histórico rival Japão. A Alemanha repete o mesmo com os europeus, mesmo os fora da zona do Euro. Os EUA, idem, além de nunca terem abandonado o dúbio entendimento de que a América é dos americanos. Sem contar a Rússia, cuja geopolítica de tratamento imperial com os vizinhos – os antigos comunistas que me perdoem – nada mudou desde os czares, passando por Stalin, Brejnev e agora Putin.

Aqui, ao contrário, não se trata de imperialismo, mas do simples reconhecimento da Argentina como parceira comercial importante, com a qual sempre temos superávit comercial. É o terceiro destino de nossas exportações, após China e EUA, das quais chegou a perfazer mais de 10%. Este hoje caiu com a crise, mas as relações internacionais exigem olhar além da conjuntura. E a Argentina, também produtora de commodities, importa do Brasil produtos industriais e de maior valor agregado, às vezes mais do que 70% da pauta, em itens como automóveis, aviões, produtos siderúrgicos e químicos, açúcar, tratores e calçados – estes últimos, relevantes para o Rio Grande do Sul.

Atribui-se a Delfim Netto a frase de que os ministros econômicos devem trabalhar muito e falar pouco. Também deveriam ponderar as consequências, pois quem perde é o país.

Pedro Dutra Fonseca escreve às quintas-feiras, a cada 15 dias.
Amanhã: **Igor Oliveira**, consultor empresarial.

Considerar que a Argentina é importante para o Brasil não é coisa do passado